



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016

FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: TEORIA E PRÁXIS

Maria Tereza M. Rezende¹; UEMS – UUCG

Resumo: Muito já se deliberou sobre a função social da escola; e as expectativas acerca dessa questão demonstram o quão importante é a abordagem desse âmbito, porque o sistema de ensino é o meio em que, teoricamente, se promoveria a emancipação do indivíduo. Entretanto, sabe-se que essa emancipação nem sempre é estimulada e nem tão pouco promovida, já que ela está substancialmente relacionada a determinados modos de produção e pensamento, e de transmissão do conhecimento, que variam de acordo com as condições sociais do sujeito. É fato que as condições que situam o sujeito social estão, também, relacionadas ao sistema de ensino, já que na maioria das vezes a divisão de classes é reproduzida na escola. O trabalho resulta de uma reflexão sobre as funções sociais da escola, a partir de estudos bibliográficos e fílmicos, bem como da revisitação do período escolar da educação básica, enfatizando questões referentes à criticidade e à emancipação dos indivíduos dentro do contexto social dominante.

Palavras-chave: Educação. Função social. Escola. Ideologia.

Resumen: Mucho se ha dicho sobre la función social de la escuela; y las expectativas sobre esta cuestión demuestran lo importante que es para acercarse a este marco, porque el sistema de educación es el medio en el que, teóricamente, si promovía la emancipación del individuo. Sin embargo, esta emancipación no siempre es estimulada y tampoco impulsada, puesto que está substancialmente relacionada con ciertos modos de pensamiento y de producción, y transmisión del conocimiento, que varían según las condiciones sociales del sujeto. Es un hecho que las condiciones que constituyen el sujeto social también se relacionan con el sistema educativo, desde en la mayoría de los casos que se reproduce la división de clases en la escuela. El trabajo es el resultado de una reflexión sobre la función social de la escuela, desarrollada a través de estudios bibliográficos y películas, así como la revisión del período escolar de la educación básica, y sigue hacia las cuestiones relacionadas con la criticidad y la emancipación de los individuos en el contexto social dominador.

Palabras clave: Educación. Función social. Escuela. Ideología.

INTRODUÇÃO

¹- Aluna do Mestrado em Letras da UEMS.



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016

O texto a seguir resulta de uma reflexão sobre as funções sociais da escola, e de que maneira essas funções se aplicam, já que teoria e práxis não ocorrem em consonância, como pode-se observar na efetivação do ensino contemporâneo. É fato que a falta de efetividade prática das funções sociais da escola estão ligadas a ocorrências históricas, políticas e materiais de antanho, que estendem à educação e à sociedade uma inoperância forjada em detrimento de uma classe dominante. A luta de classes também se reflete na transmissão do conhecimento, e os sistemas de ensino reproduzem essa divisão de forma velada, marginalizando os sujeitos que, por acaso, pertençam a um segmento social desprivilegiado.

A fim de desenvolver o tema das funções sociais da escola dentro dessa perspectiva crítica, utilizou-se como referências iniciais a leitura de Alves (2006) e Cardoso (2009), bem como a análise dos documentários *Waiting for Superman* (2010), retrata os desafios e as estatísticas do sistema educacional norte americano e a experiência das escolas Charter; e *Pro dia nascer feliz* (2006), retrata as problemáticas de discentes e docentes, inclusive dentro do contexto social que insere as personagens à margem do sistema social, mostrando os problemas infraestruturais de seis escolas públicas e privadas brasileiras. Um relato de memória enquanto discente da Educação Básica, solicitado na disciplina de Didática, do curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, serviu de testemunho de experiência para desenvolvimento do texto.

As questões acerca das funções sociais da escola foram observadas nos dois documentários citados, e por meio da leitura de textos teóricos de caráter histórico e social, bem como de caráter pedagógico e educacional, e ainda por meio da correlação com o relato de experiência discente, foi possível desenvolver o texto numa abordagem crítica, enfatizando a necessidade de desenvolver-se a emancipação do sujeito e da sociedade. Entretanto essa emancipação, francamente necessária para um desenvolvimento social e individual equânime, que deveria ser construída dentro da escola e ocupar lugar de destaque nos objetivos das funções sociais da escola, é negligenciada e omitida dentro dos sistemas educacionais de ensino. A falta de consciência histórica e material que alunos, principalmente brasileiros, cultivam no



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016 desinteresse, passa pela omissão da escola, que mais do que um aparelho ideológico do Estado é refém do capital, cristalizando ideologias em favor de uma classe dominante para a perpetuação dos sistemas de desigualdades de toda espécie.

A escola e suas funções sociais no Brasil e nos Estados Unidos da América

Naturalmente, não se pode negar que muitas foram as propostas voltadas à uma humanização em busca da equidade social por meio da escola; e também que muitas foram as mudanças no desenvolvimento diacrônico da educação e dos sistemas de ensino, mas, que ainda não foram suficientes para atingir o nível necessário de habilidades que relacionem a crítica junto à transmissão de conhecimento. A seleção do conhecimento passa pelo aspecto social: às classes menos favorecidas, adequam-se transmissões de conhecimentos fragmentados; desvinculados, convenientemente, de reflexão e crítica.

Ora, essas fragmentações do conhecimento atendem a uma remota acomodação histórica, que especializa o saber, conforme postula ALVES,(2006, p.9): “a especialização do saber, a forma pela qual se realiza a divisão do trabalho no mundo do conhecimento, é que condiciona a formulação de conceitos acerca das relações vigentes nas diferentes ocupações tornando-os fixos.”

Considerando essa afirmação, pode-se pensar no aspecto tecnicista que impera no mundo capitalista, a partir da segmentação do trabalho, e que se estende, também, às funções da escola e da transmissão do conhecimento. O desvínculo da transmissão de conhecimento de seu caráter emancipatório, liga-se a uma adequação que atende às necessidades do sistema, político e econômico, do neoliberalismo capitalista: a produtividade. A manipulação da transmissão do conhecimento é tão tênue que pode despertar equívocos de interpretação, quando se pensa e se compara as diversas instituições educacionais, em um nível mundial. No documentário, *Waiting for the superman*, pode-se perceber o quão manipulada é a transmissão do conhecimento; tanto



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016 do conhecimento acumulado historicamente, quanto dos mecanismos de desenvolvimento crítico e de reflexão.

Nas escolas retratadas no documentário, são, literalmente, as condições social e geográfica que determinam as instituições que alguns alunos frequentarão. De forma bastante denunciativa, percebe-se que as instituições que possuem maior *status* intelectual são as mais disputadas, gerando uma procura incessante por parte das classes menos favorecidas, que concorrem a uma vaga por meio de um sistema aleatório de sorteios. De fato, os alunos beneficiados com essa vaga terão oportunidade de acesso a um ensino mais qualificado, se comparado às instituições mais periféricas e que, claramente, enfrentam problemas sociais de grande peso, tais como a violência, evasão escolar e rendimentos escolares insuficientes. Lembrando que o aluno circunscrito num sítio geográfico menos privilegiado, ao não submeter-se a esses processos seletivos das escolas melhores estruturadas, estará destinado a frequentar a instituição que atende a demanda do bairro, independente de sua qualidade.

Ora, a mobilidade social, parece, então, ser tão manipulada naquelas paragens quanto aqui, no Brasil. Então, não longe dessa realidade, as escolas públicas brasileiras, destacam-se umas das outras pelos mesmos critérios de avaliação; e, assim, não é difícil perceber que as condições de acesso, e da qualidade desse acesso ao ensino, estão vinculadas a contextos sociais, históricos, materiais e culturais, vexatoriamente, dominantes.

Em outro documentário, *Pro dia nascer feliz*, configuram-se vergonhosas as condições das escolas públicas pelo interior das regiões do Brasil. E ao se pensar nas premissas de equidade de acesso à educação postuladas nas leis e regimentos que versam sobre a educação, delinea-se a verdadeira realidade marginalizada das classes menos favorecidas. Revoltantes são as condições, de acesso e permanência na escola, para a grande maioria da população que depende do sistema capitalista, retroalimentado pela reprodução da cultura dominante que exclui, mesmo nas condições de transmissão de conhecimento.



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016

As condições de trabalho que os educadores e professores enfrentam nessas escolas que carecem de estrutura e de aplicações mais eficazes, não estando restringidas a realidades internacionais, deixam entrever uma defasagem mundial do sistema público de ensino, salvo raras exceções. As mesmas dificuldades que acometem as escolas americanas, retratadas pelo documentário, estão presentes no sistema brasileiro de ensino, com algumas variantes, é verdade, entretanto mantendo o caráter divisório das classes.

As discussões sobre a educação, voltadas às escolas brasileiras de ensinos fundamental e básico, teoricamente, são retomadas e modificadas de tempos em tempos; as medidas de aplicação para o acesso integral ao ensino e ao conhecimento são reformadas e adequadas a muitos contextos e realidades; parecem promissoras essas medidas, quando pensa-se na pertinência teórica e humanística propostas nos planos de desenvolvimentos educacionais. Contudo, a práxis denuncia lacunas sociais, apresentando aplicações perfunctórias, que não penetram as esferas marginalizadas. O capital cultural dos indivíduos que dependem desse sistema de ensino público, denuncia e determina o nível que se pretende imputar àquele sujeito, pois que seu desnivelamento sócio-cultural, usurpa o caráter , restrito a poucos, de emancipação por meio do conhecimento, fixando-o num *status quo*, estabelecido para suprir as necessidades do sistema dominante: a técnica para a produtividade.

Nesse contexto, existe a possibilidade de se pensar no império da técnica, segundo as afirmações de PAZ (1971, P.104): “a técnica liberta a imaginação de toda mitologia e coloca-a frente ao desconhecido. Faz com que ela se defronte a si mesma e, diante da ausência de toda imagem de mundo, leva-a a configurar-se (...)”. A técnica é imbuída de um prazo de duração que está ligado ao seu caráter de efetividade; se sua eficácia enquanto instrumento torna-se desgastada, ela perde o sentido em decorrência da falta de “imagem do mundo”. Essa falsa “imagem do mundo” pode relacionar-se às ideologias que garantem uma “pseudototalidade” em que o indivíduo se insere. Esse caráter ilusório que as ideologias imprimem, por meio da ideia de pertencimento, é também desenvolvida e estimulada dentro da escola, com o intuito de reproduzir a “pseudototalidade” e garantir assim, a falsa consciência de que as diferenças sociais



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016 passam ao largo da instituição educacional, procurando omitir as desigualdades nas condições simbólicas e nas relações de poder, como é o caso dos conceitos de inclusão e de democracia que circulam nos discursos escolares e sociais.

A tendência em homogeneizar as diferenças deixa entrever como a estrutura positivista é inerente à educação institucionalizada, fazendo com que as identidades sejam reproduzidas de modo a atender às necessidades de dominação do sistema. Segundo BOSI (2000, p.168),

o papel mais saliente da ideologia é o de cristalizar as divisões da sociedade, fazendo-as passar por naturais; depois, encobrir, pela escola e pela propaganda, o caráter opressivo das barreiras; por último, justificá-las sob nomes vinculantes como Progresso, Ordem, Nação, Desenvolvimento, Segurança, Planificação e até mesmo (por que não?) Revolução.

Se o sistema de ensino, a despeito das propostas referenciais de sua aplicação, não consegue colocar em prática os ideais equânimes que os compõe, então, pode-se pensar como os pressupostos burgueses em prol de uma escola pública, universal, laica, obrigatória e gratuita encontram-se em defasagem, principalmente social; porque, teoricamente, a cultura que existe na escola, e que é difundida por ela, está diretamente vinculada à cultura das classes dominantes e elitizadas. Isso denota claramente o porquê dos alunos que pertencem a uma condição social menos favorável, encontrarem dificuldades de adaptação e apreensão do conhecimento.

O capital cultural, que representa um lastro diferencial entre as classes, é o causador da defasagem dos indivíduos das classes populares. Segundo CARDOSO e LARA (2009, p.1316),

Isso ocorre porque a cultura escolar é tão próxima da cultura da elite que as crianças das classes populares não podem adquirir, senão com muito esforço, o que é herdado, pelos filhos das classes cultivadas. Assim, a função da escola – organizar o culto de uma cultura – só pode ser proposta a todos, mas, de fato, está reservada aos membros das classes às quais pertence a cultura cultuada.

Nas sucessivas transformações da produção histórica e material da educação, as condições de produção da vida deixam entrever aspectos condicionados às necessidades



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016 dominantes, convenientemente convencionadas, entretanto dissimuladas, em favor do benefício de classes específicas.

Historicamente, a transmissão do conhecimento acumulado e suas variações ligadas às artes e às humanidades não abarcavam toda a sociedade; provavelmente porque atendia às estruturas sociais bem definidas, quando se toma como referência o período anterior à ascensão da burguesia. Com o desenvolvimento industrial e a inclusão feminina no mercado de trabalho para atender a uma demanda do sistema capitalista, que necessitava de mais mão de obra, surgiu a necessidade de um local em que esses pais proletários pudessem deixar seus filhos; e é claro, que a escola seria, então, duplamente providencial, já que em vista da necessidade de mão de obra, ela poderia não só transmitir o conhecimento profissionalizante necessário à formação de contingente, mas, também, fazer do espaço escolar um aparelho ideológico do estado.

Por essa perspectiva, compreende-se, sincronicamente, o momento em que a escola assumiu, obrigatoriamente, o caráter universal, descrito por Alves:

a escola deixou de ser uma instituição freqüentada exclusivamente pelos filhos da burguesia, dos gerentes de seus negócios e dos funcionários do Estado. Ao chegar também à classe trabalhadora, finalmente a escola se viu tomada por um movimento que começava a realizar sua necessária e irremediável universalização. (ALVES, 2006, p.141).

Essa universalidade, com todos os pressupostos que a seguem, não se relacionam efetivamente com o contexto social das classes populares, porque ela é uma construção das classes dominantes, embora tenha advindo de um movimento supostamente emancipador, como o movimento burguês. O acesso ao conhecimento define os segmentos sociais, e a promoção tecnicista do saber gera um conhecimento humanístico perfunctório, voltado para a especialização, não desenvolvendo habilidades de associações fora de seu contexto. Isso segmenta a relação de trabalho, comprometendo o desenvolvimento das habilidades intelectuais relacionadas à criticidade e à reflexão.

A educação deve ser vista como um processo dependente do sistema capitalista, e nessa perspectiva, pode-se conceber que



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016
a educação significa o processo de “interiorização” das condições de legitimidade do sistema que explora o trabalho como mercadoria, para induzi-los à sua aceitação passiva. Para ser outra coisa, para produzir insubordinação, rebeldia, precisa redescobrir suas relações com o trabalho e com o mundo do trabalho, com o qual compartilha, entre tantas coisas, a alienação. (MÉSZÁROS, 2005, p.17)

A função social da escola deve ser considerada como uma construção social; entretanto, a compreensão dos processos dessa construção devem ser conhecidos e considerados dentro de seu desenvolvimento histórico, atentando para as condições de produção material de cada período; e reconhecendo nessas condições, as necessidades que as motivaram.

Revisitando o tempo escolar sob o viés das funções sociais da escola

Ao se analisar a efetividade dos sistemas de ensino no que tange os pressupostos legais e históricos, sem desconsiderar as transformações diacrônicas e sincrônicas desses sistemas, é possível fazer comparações baseadas de acordo com a própria experiência. Considerando meu desenvolvimento escolar, do ensino fundamental e básico, por meio do conhecimento que disponho hoje, é evidente que todas essas lacunas educacionais continuam tão presentes quanto antes. Apesar de ter tido um acesso à educação que não se compara em dificuldades às escolas públicas, retratadas pelos documentários citados anteriormente, já que cursei os dois níveis de ensino em escolas particulares privadas, ainda assim, não me falha a memória ao afirmar que o desenvolvimento das habilidades críticas e de associações fora do contexto, que conduzam às reflexões de emancipação do sujeito, não desempenharam papel relevante, para não dizer que nem sequer foram estimuladas.

Ainda que o acesso e a permanência, relacionados ao meu desenvolvimento escolar, fossem adequados, contando com materiais muito melhores em elaboração conteudística, uma vez que não havia, ainda, as apostilas didáticas, mas sim, os livros pertinentes a cada disciplina; ainda assim, o conhecimento compartilhado resumia-se à transmissão dos saberes acumulados historicamente. Entretanto, pelo menos com



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016 relação à minha realidade contextual, o respeito aos professores e educadores misturava-se com profunda admiração. Não se cogitava atitudes agressivas para com os professores; a autoridade deles, em todos os meus anos escolares, nas escolas que freqüentei, nunca foram questionadas por alunos, nem tampouco desrespeitadas; fato, diurnamente, muito comum nas escolas, inclusive nas privadas.

A desvalorização do profissional da educação atinge níveis críticos, e me parece que se estende não só aos alunos, mas à toda a sociedade. As condições de trabalho desses professores, talvez nunca tenham sido tão precárias quanto hoje, principalmente nas escolas públicas. E a premissa que move as políticas educacionais contemporâneas, nunca me pareceram tão inatingíveis.

É necessário dizer que meu posicionamento crítico com relação ao sistema de ensino não se desenvolveu dentro dos níveis de ensino fundamental e básico; entretanto, não me é permitido omitir uma qualidade mais elevada de transmissão do conhecimento que obtive por meio do sistema de ensino que freqüentei. Na minha formação escolar faltaram o conhecimento da construção social; o desenvolvimento das habilidades de associações fora do contexto; o desenvolvimento de uma autonomia intelectual que extrapola as formas técnicas universais de apreensão do conhecimento. E o que se percebe é que mesmo o ensino manipulado em favor de uma minoria, no caso dos alunos que tem acesso ao ensino privado, age em favor das ideologias das classes dominantes, omitindo as relações de poder e as condições simbólicas construídas socialmente. Longe de imprimir um caráter revelador com relação ao conhecimento dos mecanismos de manipulação, dominação e construção sociais, necessários à emancipação, meu desenvolvimento escolar esteve, substancialmente ligado à insígnia do progresso e da ascensão sociais, voltadas a um caráter individual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016

O indivíduo, por meio da escola, deve ter acesso ao conhecimento, de forma que ele desenvolva um domínio teórico consistente, relacionado de forma direta à compreensão dos processos históricos de formação social, e suas implicações políticas, econômicas e culturais, para que ele possa, assim, reconhecer a totalidade dos processos de construção social. A partir disso, ele terá autonomia para reconhecer as formas e os motivos pelos quais está situado em determinada condição; bem como compreender de maneira integral os mecanismos de manipulação e dominação que promovem as desigualdades omitidas pelos meios de cristalização ideológicas.

As mudanças de propostas educacionais que possibilitem uma formação integral, do ponto de vista humanístico e histórico, que permita compreender os mecanismos que o sistema capitalista utiliza para dominação dos diversos setores da sociedade, são teoricamente pertinentes e, sobremaneira, fundamentais. Entretanto,

a razão para o fracasso de todos os esforços anteriores, e que se destinavam a instituir grandes mudanças na sociedade por meio de reformas educacionais lúcidas, reconciliadas com o ponto de vista do capital, consistia – e ainda consiste – no fato de as determinações fundamentais do sistema do capital serem irreformáveis. (MÉSZÁROS, 2005, p. 26 / 27).

Compreender que os sentidos são construídos socialmente, de acordo com as ideologias dominantes, e relacioná-los aos saberes científicos e teóricos, são pressupostos de referenciais curriculares contemporâneos, o que possibilita verificar que, teoricamente, existem propostas de acesso ao conhecimento preocupadas com uma formação integral que buscam desenvolver a emancipação do sujeito social; contudo, não escapa à observação mais desatenta, o fato de a práxis não acompanhar a teoria.

Não é escola que vai emancipar a sociedade, pois a escola contemporânea está vinculada ao sistema capitalista. Somente com a superação desse sistema seria possível ultrapassar certos limites intransponíveis, que fazem parte da gênese, do desenvolvimento e da função da escola dentro de sua estrutura institucionalizada pelo capital.



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016

REFERÊNCIAS

ALVES, G.L. *A produção da escola pública contemporânea*. 4.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. 6ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CARDOSO, M A./ LARA, A.M.B. *SOBRE AS FUNÇÕES SOCIAIS DA ESCOLA*. IX Congresso Nacional de Educação – **EDUCERE**. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR, 2009.

MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

MONTE MÓR, W. *Crítica e Letramentos Críticos: Reflexões Preliminares*. In: HILSDORF, R, C; MACIEL, F, R. (Orgs.). **Língua Estrangeira e Formação Cidadã: por entre discursos e práticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

PAZ, O. *Os signos em rotação*. In: LAFER, Celso; CAMPOS, Haroldo de. *Signos em rotação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971

PRO DIA *nascer feliz*. Direção, edição e roteiro: João Jardim. Produção: Flávio R. Tambellini e João Jardim. Pesquisa e colaboração no roteiro: Renée Castelo Branco. Brasil: Copacabana Filmes Produções, 2006. Documentário. 1 DVD (88 min.), son., (idioma: Português), color.



EDIÇÃO Nº 10 – JUNHO DE 2016. Artigos recebidos até 30/04/2016 artigos aprovados até 30/05/2016
WAITING for Superman. Direção: Davis Guggenheim. Produção: Michael Bertel, Lesley Chicott. Roteiro: Davis Guggenheim, Billy Kimball. EUA: Electric Kinney Films, Participant Media, Walden Media, 2010. Documentário. (112 min.), son., (idioma: Inglês), color.